

Imigração Boliviana – integração e construção de nova identidade: Rio de Janeiro

Profa. Dra. Maria Teresa Toribio B. Lemos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ

Em meados do século XX acelerou-se o processo migratório para o Brasil. Atraídos por empregos e melhores condições de vida, levas de imigrantes de várias partes da Europa, África e América do Sul procuraram se instalar no território brasileiro. Pessoas sem qualificação profissional formavam em sua maioria esses grupos, o que dificultava aos governos estaduais fixá-los em seus territórios, empregá-los ou mesmo integrá-los à sociedade nacional.

Na década de 1970, diante das dificuldades encontradas, o governo brasileiro resolveu restringir a imigração, adotando leis rígidas para a entrada daqueles grupos. As medidas impostas não afetaram a imigração boliviana, pois desde a década de 1950, através de acordos diplomáticos, o Brasil oferecia asilo aos perseguidos políticos daquele país, além de convênios acadêmicos para estudantes bolivianos se integrarem à Universidade brasileira, sem concurso.

Este estudo se propõe a discutir o processo de integração do imigrante boliviano à sociedade carioca no período de 1950 a 2010. Analisa, também, os processos de resistência cultural e a construção de novas identidades através de práticas culturais e representações simbólicas no novo espaço social.

Primórdios

Em meados do século XX acelerou-se o processo migratório para o Brasil. Atraídos por empregos e melhores condições de vida, levas de imigrantes de várias partes da Europa, África e América do Sul procuraram se instalar no território brasileiro. Pessoas sem

qualificação profissional formavam em sua maioria esses grupos, o que dificultava aos governos estaduais fixá-los em seus territórios, empregá-los ou mesmo integrá-los à sociedade nacional.

Na década de 1970, diante das dificuldades encontradas, o governo brasileiro resolveu restringir a imigração, adotando leis rígidas para a entrada daqueles grupos. As medidas impostas não afetaram a imigração boliviana, pois desde a década de 1950, através de acordos diplomáticos, o Brasil oferecia asilo aos perseguidos políticos daquele país, além de convênios acadêmicos para estudantes bolivianos se integrarem à Universidade brasileira, sem concurso.

Este estudo se propõe a discutir o processo de integração do imigrante boliviano à sociedade carioca no período de 1950 a 2010. Analisa, também, os processos de resistência cultural e a construção de novas identidades através de práticas culturais e representações simbólicas no novo espaço social.

A presença de imigrantes rurais bolivianos no Brasil iniciou-se após a Guerra do Chaco¹ em 1935. Após a Guerra, milhares de camponeses preferiram se fixar nas cidades em vez de voltar para o campo. Além da mudança na forma de viver, a maioria tinha perdido suas terras, confiscadas pelos grandes proprietários.

O inchamento das cidades desestabilizou a sociedade, fragilizada pelos conflitos com os países vizinhos e ainda com dívidas acentuadas. As perdas humanas, financeiras e a crise agrícola provocada pelo abandono dos campos. Outros fatores também contribuíram para a imigração, como as crises sociais causadas pelo avanço capitalista no campo e os movimentos de sublevação política. A conjuntura socioeconômica da nação acentuou os movimentos revolucionários das décadas seguintes, culminando com a Revolução de 1952.

A imigração para a Argentina, Chile e Brasil que se realizava lentamente desde o século XIX aumentou consideravelmente, acelerando a desestruturação da comunidade rural boliviana tradicionalmente assentada no "ayllu", organizada por laços comunitários.

¹- A Guerra começou em 1932, e somente em 1938 foi firmado o Tratado de Paz, em Buenos Aires.

Atraídos por melhores condições de vida e salários e pela ideia de progresso de outras cidades latinoamericanas, os bolivianos procuraram reorganizar suas vidas em países vizinhos. A modernização dos grandes centros, associada à forte propaganda de imigração, serviu de instrumentos para mobilizar expressivos contingentes rurais para a força de trabalho das nascentes indústrias. Dados oficiais do Serviço de Imigração² dão conta de que cerca de 20 mil imigrantes bolivianos entraram legalmente no Brasil.

Construção de nova identidade

A reestruturação dessas comunidades camponesas no Brasil, especialmente em São Paulo, se fez sob duras penas. A maioria, clandestinos e acostumados a uma vida comunitária, tiveram seus laços culturais desestruturados e tornaram-se presas fáceis da exploração dos grupos industriais³, submetendo-se à uma vida de servidão.

A crise social também acelerou o êxodo de técnicos e profissionais qualificados, não absorvidos pelos processos de modernização do país, além dos exilados e perseguidos políticos.

Os governos brasileiro e boliviano manifestaram grande preocupação com esse problema social. No Brasil, a entrada ilegal de estrangeiros não lhes garantia direitos sociais e trabalhistas. A ilegalidade permitia que se tornassem vítimas da exploração industrial que prossegue até os dias atuais.

Apesar das denúncias veiculadas pela imprensa, apenas em 1992 o governo brasileiro tentou coibir aquela exploração e impedir a imigração ilegal daqueles camponeses. Muitos deles, vinham para encontrar familiares que se encontravam em São Paulo e atraídos pelos anúncios dos jornais bolivianos que informavam a possibilidade de grandes salários em S. Paulo.

Singularidade da imigração – presença boliviana no Rio de Janeiro

² -Serviço de Imigração –S.P., 1992.

³ - Os imigrantes bolivianos foram para a cidade de S.Paulo, grande pólo industrial brasileiro.

No Rio de Janeiro a imigração foi diferente devido à especificidade da Cidade que manteve, apesar da mudança da capital, de centralidade administrativa do país e não possuir a estrutura industrial semelhante a paulista.

Apesar do Rio de Janeiro receber maciçamente migrantes do Nordeste e Minas Gerais, não se notabilizou pela grande presença de estrangeiros. Assim, presença boliviana e de outros países sulamericanos foi singular. A cidade atraía por ter sido a capital federal e pelo prestígio sociocultural que permanece cultivado pelas universidades, além da expressiva rede educacional e de saúde que a capacitam oferecer melhor atendimento à população que outras cidades do país.

Na década de 1950, devido à instabilidade política em vários países da América do Sul, o governo brasileiro apoiou a vinda de imigrantes bolivianos em sua maioria composta de exilados, opositores da Revolução de 1952 e admiradores da Falange Socialista Boliviana (FSB), grupo conservador, considerado de direita em seu país. Eram políticos ou filhos de políticos, profissionais liberais e estudantes. Aqueles imigrantes se fixaram nos bairros da Zona Sul e Niterói onde instalaram consultórios médicos, odontológicos e clínicas em geral. Grande número deles possuía bens e propriedades na Bolívia e desfrutavam de uma situação social considerável. Outros procuraram os subúrbios e também se dedicaram à profissão liberal e burocrática.

Diferiam dos camponeses e trabalhadores de áreas rurais, pobres e excluídos em seu país que tiveram, por força das circunstâncias, se instalar em S. Paulo e se sujeitar à exploração nas oficinas de costura e indústrias, em sua maioria dominadas pelos coreanos.

A partir das décadas de 1960/1970, também com apoio do governo brasileiro, chegou o segundo fluxo formado basicamente por estudantes, atraídos pelo Intercâmbio Cultural Brasil-Bolívia que oferecia condições para cursarem as Faculdades de Medicina, Odontologia e Engenharia, entre os demais cursos, dispensados das provas de Vestibular, exigidas para os estudantes brasileiros. Eles deveriam retornar ao seu país, após a conclusão dos cursos universitários, o que de fato não aconteceu. Grande número

deles preferiu ficar no Rio de Janeiro, onde se casaram e constituíram famílias, recebendo a cidadania brasileira.

O terceiro fluxo migratório, mais recente teve início na década de 1990 com o grande desenvolvimento econômico do país e continua até os dias atuais. Envolve profissionais liberais, técnicos e artistas à procura de melhores condições de vida. Muitos são especialistas e trabalham em refinarias, empresas de petróleo e são contratados pelos Programas de Pós- graduação para assumir cargos importantes nas empresas locais devido à especialização que possuem nas áreas de Engenharia. Trabalham nos gasodutos e empresas da Petrobras.

Também chegaram outros imigrantes, sem formação acadêmica ou especialização, que foram para a periferia e subúrbios do Estado. Realizam trabalhos burocráticos e se inseriram no mercado de trabalho local.

Essas características tornam a imigração para o Rio de Janeiro singular e diferem da imigração dos grupos de bolivianos saídos do Altiplano e de áreas rurais da Bolívia país que foram atraídos para São Paulo e outros estados do Brasil.

Ao chegarem à cidade do Rio de Janeiro, nas décadas de 1950 a 1970, os bolivianos receberam o apoio do governo brasileiro e do Consulado Geral da Bolívia. Apesar de bem recebidos, sentiam-se estrangeiros. Não chegavam a ser tratados como *outsiders*, discutido por Norbert Elias, mas sentiam que eram tratados como *estrangeiro* e muitas vezes percebia-se o preconceito. Era como se houvesse uma *parede virtual* separando as duas culturas.

Em 1969, famílias bolivianas se reuniram e criaram *Círculo de Amigos Bolivianos*, com a finalidade de organizarem eventos, homenagearam amigos, convidarem artistas dessa forma, lembravam da pátria longínqua, suas famílias e tradições. Durante os encontros convidavam amigos brasileiros e se confraternizavam. As reuniões eram realizadas nas casas dos amigos, que se alternavam com música, dança e comida. Juntos reviviam o passado e traçavam planos para maior integração no novo país. Dessa forma,

mantinham os laços identitários e reproduziam as práticas culturais e representações de seu país.

Em 1974, foi criado por um grupo de mulheres bolivianas, o *Comitê Beneficente de Damas Bolivianas*. Esse Comitê tinha dupla função. Havia grande preocupação dos imigrantes em manter os laços identitários vinculados à sua ancestralidade e, ao mesmo tempo, apoiar os demais bolivianos que não usufruíam de boa situação financeira ou mesmo que se encontrassem em situação desfavorável diante das leis brasileiras. Em sua maioria, as mulheres eram esposas de funcionários e de profissionais liberais que desfrutavam de prestígio junto à sociedade carioca. Esse grupo realizava, além das atividades culturais que remetesse às suas tradições, também ações beneficentes. Preocupavam-se com as famílias bolivianas pobres, com as mulheres presas acusadas de tráfico de drogas (na maioria inocentes, serviam de *mulas* para os traficantes), com as pessoas idosas e doentes.

Os bolivianos que chegavam para cursar universidade frequentavam o antigo restaurante universitário do Rio de Janeiro, conhecido como O Calabouço, localizado no Aterro, perto do Aeroporto Santos Dumont. Lá, todos os estudantes brasileiros ou estrangeiros se reuniam para discutir a situação política do país e organizarem manifestações sociais contra ou a favor dos governos. Nesse espaço pluricultural, em 14 de julho de 1975, os estudantes bolivianos resolveram fundar o Centro Cultural y Social Boliviano.

O Centro Cultural tinha a finalidade de ampliar a integração entre os imigrantes, organizar encontros, debates e realizar eventos como comemorações e festas típicas de seu país. Recebia apoio do Consulado da Bolívia e dos grupos de imigrantes. Realizava festas em homenagem à data da Independência do seu país, no início do mês de agosto que prosseguem até os dias atuais. Embora, sem sede fixa, os encontros se faziam inicialmente nos apartamentos da direção e, posteriormente, em uma das salas do Consulado da Bolívia, no bairro do Flamengo. Além dos encontros entre eles, também promovia conferências, debates, apresentações teatrais e musicais, envolvendo convidados brasileiros. Da direção fazem parte bolivianos e descendentes dos imigrantes, além de brasileiros de prestígio, com a responsabilidade de reproduzir a cultura boliviana-brasileira.

Outro fator de difusão da cultura andina e integração daqueles imigrantes foi a Rádio Eldorado, do Grupo O Globo. Os bolivianos, usando a frequência da Bolívia difundiam a música de seu país. Criaram o programa *O Mosaico Boliviano*, dirigido por Antonio Martinez. Assim, tradição, símbolos e memória coletiva eram mantidos como resistência cultural e laços de identidade. Esse programa, em espanhol e português, era levado ao ar todos os domingos pela manhã.

As festividades repetem os rituais celebrados na Bolívia. Há danças típicas como Morenada, Diablada e Tinkus, entre outras manifestações. Os dançarinos usam trajes coloridos de acordo com a representação simbólica da dança. Também a *saltenha*, pastel recheado faz parte das iguarias da festa. São feitos pelas mulheres bolivianas que repetem as receitas locais da culinária boliviana. Participam daquelas festividades as autoridades consulares, bolivianos imigrantes e todos os convidados do Rio de Janeiro e de outros estados do Brasil.

O grupo de imigrante mais recente chegou após a década de 1990 e continua até os dias atuais. Envolve músicos, mecânicos e profissionais liberais à procura de melhores condições de vida. Muitos são especialistas e trabalham em refinarias, empresas de petróleo e programa de Pós-graduação. Essas características diferem da imigração dos grupos de bolivianos saídos do Altiplano e de áreas rurais da Bolívia país que foram atraídos para São Paulo e outros estados do Brasil.

Bibliografia

- (1986) - Guerra y Conflictos Sociales. El caso rural de Bolivia en la Campaña del Chaco. Lima, IEP
- CACERES ROMERO(1993), Cristobal e Emigdio - Política Agropecuaria. La Paz.



CARDOSO, Eliana e Helwege, Ann (1993) - A Economia da América Latina. Rio de Janeiro, Editora Atica.

DELER, J.P. e Saint-Geours, Y.1986) - Estados y Naciones en los Andes. Lima, IEP.

FARRAGUT, Castro(1963) - La reforma agraria boliviana. OEA.

GARCIA, Antonio (1965)- La reforma agraria y el desarrollo social. México, FCE.

MEJÍA FERNANDEZ, M.(s/d) -El problema del trabajo forzado en América latina. México, UNAM.

NEISWANGER, W.A. e Nelson, J. (1995) - Problemas económicos de América Latina. México, FCE.

PLA, Alberto (1980) - América Latina - Siglo XX. Caracas, Universidad Central de Venezuela.

PERIODICOS

A Voz Tiwanacota - Año 3 n. 8 - Febrero - San Pablo -1993

• O GLOBO - Artigos

- Coreanos exploram bolivianos em São Paulo - 13 de dezembro de 1992.

- Trabalhadores se oferecem na praça, como escravos - 13 de dezembro de 1992.

- Governo Paulista investigará coreanos - 14 de dezembro de 1992.

Maria Teresa Toribio Brittes Lemos

- Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5345973677365305>
- Última atualização do currículo em 10/02/2014

Professora Titular em História da América. Pesquisadora-Visitante do Programa de Pós-Graduação em História Política da UERJ e da Faculdade de Direito/UERJ. Bolsista FAPERJ /Cientista do Nosso Estado. Líder do Gr. Pesquisa do CNPq História, Memória e Relações Interculturais e Grpesq NUCLEAS. Graduada e Licenciada em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ e Faculdade de Educação da UFRJ. Mestre em História da América na Universidade Federal Fluminense UFF. Doutora em Filosofia, Pensamento Luso-Brasileiro, Universidade Gama Filho UGF. Pós-Doutora pela Universidade de Varsóvia/CESLA (centro de Estudios Latinoamericanos). Professora convidada do CESLA/UW/Polônia para os cursos sobre América Latina, especialmente temas relacionados ao Brasil. Vinculada aos Projetos da Red Internacional do CESLA. Colaboradora e como editora de livros publicados pelo CESLA/UW. Orientadora de professores do curso de Pós- Graduação CESLA/UERJ e de graduandos poloneses na UERJ, através de convênios. Em 2004 criou, na UERJ, o Núcleo de Estudos das Américas NUCLEAS, sendo sua atual coordenadora. Autora e organizadora de livros sobre América Latina e da Revista Latinidade, do Núcleo de Estudos das Américas, UERJ. **(Texto informado pelo autora)**